

Da imitação à identificação: observações sobre a função do semelhante no acompanhamento APEGI realizado em escolas.

Luciana Resende Lima, Luiza Pires Vaz Camarano e Cristina Keiko Inafuku de Merletti

Palavras-Chave: Imitação, Identificação, Função do Semelhante, Educação Terapêutica, APEGI

O Projeto inclusivo, tema do artigo, propõe um trabalho com o tópico da heterogeneidade, articulado à pesquisa de educação terapêutica com crianças em situação de inclusão. Abordaremos a noção de entraves psíquicos estruturais (EE) e a relação dessas crianças com seus pares. Por meio do roteiro de leitura APEGI – Acompanhamento Psicanalítico em Escolas, Grupos e Instituições – será dada especial atenção à função do semelhante como eixo para o acompanhamento da criança no grupo classe.

Espera-se analisar a qualidade desse laço-social inclusivo no campo escolar sob a perspectiva da passagem da imitação para a identificação. A identificação é reconhecida como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa. Segundo Freud (1921), há um caminho que, por meio da imitação, leva da identificação à empatia, ou, à compreensão do mecanismo pelo qual se torna possível, para nós, tomar posição ante uma outra vida psíquica.

A escola é a primeira instituição frequentada pelas crianças, oferecendo oportunidade para ir além dos laços familiares. É o espaço que, no encontro com o semelhante, permite a abertura para imitações, auxiliando crianças com entraves psíquicos no reconhecimento do outro semelhante e em direções possíveis às identificações. Espera-se que a sutileza de um movimento de imitação inicial de outra criança possa abrir caminhos para o laço social, articulando o desejo singular à vida coletiva de um sujeito. Imitar o outro para chegar ao conhecimento de si e da alteridade.

Em paralelo, no trabalho da pesquisa “Dispositivos de intervenção na escolarização de crianças com entraves na estruturação psíquica”, que apresenta como hipótese “o quê uma criança pode fazer pela outra” - como a abertura para o contato com o outro no autismo ou apaziguamento dos sintomas psicóticos - a prática tem permitido registrar a imitação sendo recorrente para o início de uma aproximação.

Levamos, assim, a importância de crianças da turma como colaboradores para o processo de inclusão, com clareza que só existe a possibilidade dessa parceria acompanhada pela mediação dos professores e de uma legislação que pense e dê suporte às possibilidades de uma escola para todos e para cada um.

Fazendo uso do APEGI com ênfase na função do semelhante, observamos e pretendemos qualificar o desenvolvimento de acordo com as pequenas nuances, como já presenciado em alguns exemplos corriqueiros de crianças com EE, por assim dizer, a imitação foi presente em cenas recorrentes: ao imitarem os colegas correndo quando outros correm ou fazendo silêncio quando percebem que outros silenciaram; movimentos como apagar e acender a luz ao ver outra criança fazendo antes; pedir de lanche o que viram outra comendo; se movimentar ao escutar um ruído imitando o grupo.

Vitor Guerra (2014) em seus indicadores de intersubjetividade de 0 a 12 meses, discorre sobre a existência de elementos que nos fazem pensar que o bebê nasce com uma capacidade inata de preferir o rosto humano como ponto de atenção,

e que, ao imitar certos gestos, essa paixão pela busca inicial por contatos, permitiria que o bebê seja retirado do desamparo originário que se encontra ao nascer. Guerra fala da capacidade de imitar como uma tendência inata que surge prematuramente e continua ao longo da vida.

Diversos estudos mostram a forma rudimentar de imitação. No filme "O surpreendente recém-nascido" pode-se ver o bebê que imita o desconhecido no supermercado, que lhe sorri e provoca com o mostrar de língua e retoma imitativamente, mas com iniciativa de contato. Porém, quando falamos de crianças com entraves, talvez esse tempo não tenha se instalado e a hipótese é que a função do semelhante - mediada por adultos atravessados pela educação terapêutica - possa permitir novas aberturas que não se deram anteriormente. Seguimos com o exemplo prático de crianças com outras crianças, mediadas pela educação terapêutica.

A.J, 4 anos, não se relacionava com outras crianças na escola, as professoras tentavam colocá-la na roda ou chamar para brincadeira e a reação de se esquivar só se acentuava. Certo dia os pais esqueceram de enviar o lanche para o grupo terapêutico com outras crianças de idade próxima, e uma maçã do colega foi dividida com ela. No lanche seguinte, A.J levou uma maçã, segundo os pais a pedido dela, que insistiu em levar a fruta. Toda vez que o colega "da maçã" de A.J pedia para ir ao banheiro, A.J passou a dizer que ia fazer xixi, saía da sala com o colega e o imitava. Os mesmos movimentos eram realizados, como escalar a pia e saltar, apertar duas vezes a descarga. Após um período de imitação, A.J ao ir para o banheiro seguindo o colega, apontou para a placa que separava o banheiro feminino e masculino. Ao invés de entrar no mesmo que o colega, no movimento de imitação, apontou para o colega como menino e para ela como menina. Essa diferença foi sustentada pela terapeuta que acompanhava as crianças e permitiu o tempo de imitação com apontamentos quando cabiam. Essa criança, que até então só se referia a ela em terceira pessoa, passou a usar os pronomes "eu, meu". Ao formular essa distinção - sua identificação como menina e o colega menino - e a constatação de que iam a banheiros diferentes, pareceu ir se dando conta de uma identidade diferente, não colada ao colega, o que se seguiu como abertura para as brincadeiras.

Segundo Freud (1921), há um caminho que, por meio da imitação, leva da identificação à empatia, ou, à compreensão do mecanismo pelo qual se torna possível, para nós, tomar posição ante uma outra vida psíquica. A escola é a primeira instituição frequentada pelas crianças, oferecendo oportunidade para ir além dos laços familiares. A escola é o espaço que, no encontro com o semelhante, permite a abertura para imitações, auxiliando crianças com entraves psíquicos no reconhecimento do outro semelhante e em direções possíveis às identificações. O Outro é, via de regra, considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado. Em "O Mal-Estar na Civilização" (1930), ele expõe o bebê lactante que não separa seu "Eu" de um mundo exterior, como fonte de sensações que lhe sobrevêm, aprendendo aos poucos em resposta aos estímulos diversos. As várias fontes de excitação, poderão fazê-lo reconhecer as partes de seu corpo, a mais desejada, o peito materno, segundo Freud, furta-se temporariamente a ele, e são trazidas apenas por um grito requisitando ajuda. É assim que ao "Eu" se contrapõe inicialmente um objeto, como algo que se acha fora e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer.

O bebê reconhece aos poucos seu corpo através das várias fontes de excitação, como mamar e ser limpo. Um outro incentivo para que o "Eu" se desprenda

da massa de sensações, para que reconheça um “fora”, um mundo exterior, é dado pelas frequentes, variadas, inevitáveis sensações de dor e desprazer que, em sua ilimitada vigência, o princípio do prazer busca eliminar e evitar (Freud, 1930). Assim, a educação Terapêutica trabalha com dispositivos, como o grupo terapêutico, para tratar crianças que tem entraves ou não são capazes de distinguir o que vem de fora e o que vem de dentro ou sente-se ameaçadas por tudo que vem de fora. No bebê, Freud diz,

Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador “fora”. As fronteiras desse primitivo Eu-de-prazer não podem escapar à retificação mediante a experiência. Algumas coisas a que não se gostaria de renunciar, por darem prazer, não são Eu, são objetos, e alguns tormentos que se pretende expulsar revelam-se como inseparáveis do Eu, de procedência interna. Chega-se ao procedimento que permite, pela orientação intencional da atividade dos sentidos e ação muscular apropriada, distinguir o que é interior- Pertencente ao Eu- e o que é exterior – oriundo de um mundo externo- e com isto se dá o primeiro passo para a instauração do princípio da realidade, que deve dominar a evolução posterior. Essa distinção serve, naturalmente, à intenção prática de defender-se das sensações de desprazer percebidas ou das que ameaçam. O fato de o Eu, na defesa contra determinadas excitações desprazerosas vindas do seu interior, utilizar os mesmos métodos de que se vale contra o desprazer vindo de fora, torna-se o ponto de partida de significativos distúrbios patológicos. (Freud, Mal estar na civilização, obras completas, volume 8, pág. 18)

Nessa lógica do desenvolvimento pode se pensar a criança com entraves. Para algumas crianças, o Eu se protege demasiadamente do mundo externo, caso dos autistas, que formam uma proteção de contato com os outros. Privada da escola, não tendo oportunidade de convívio com outras crianças, a chance da cristalização dessa estrutura é muito maior.

A escola precisa ser o lugar que acolhe a singularidade, isto é, portadora de estratégias que visam à transformação da escola em direção a criança e não somente a adaptação da criança a escola. Isso não significa que a criança precise de atendimento personalizado, ao contrário, precisa fazer parte do grupo. Ao discorrer sobre a transformação da instituição escolar na direção do aluno, Davini (2020) aponta ser esse o caminho para uma educação inclusiva, na qual o paradigma de estereótipos dá lugar à valorização e aceitação da diferença humana.

Assim como a comunicação mãe e filho (no primeiro ano) sob vários aspectos é diferente da comunicação entre adultos, pensamos também com diferenças a comunicação de crianças com entraves. Professoras relatam que ao estimular a integração da criança com entrave elas se fecham mais ainda. Sabe-se que não basta “juntar crianças” ou chamá-las para brincar. Nesse ponto entra a educação terapêutica, cujo recorte da imitação na função do semelhante, está sendo destacado por esse artigo.

No argumento de Spitz (1979) se fortalece a suprema importância que a primeira relação do bebê seja com um parceiro humano, pois todas as futuras relações sociais serão baseadas nessa relação. Ali surge a diferença entre a polis humanas, que se baseia na relação de trocas afetivas, e o formigueiro onde o relacionamento se fundamenta em agentes químicos e físicos, no olfato, paladar e tato. Articulando com a ideia de que a instauração da neurose, autismo ou psicose são como redes de significações que podem ou não acontecer, como disse Guerra (2017), abertas as circunstâncias da vida e aos aspectos constitucionais em jogo.

Revisitar as teorias é também propor trabalho institucional em paralelo a clínica para que crianças com entraves possam criar significantes e tenham oportunidades de se fazer expressar na sua singularidade e não inseridas em um meio o qual meramente precisam se adaptar condicionados a imitação de um signo que não faça sentido. A Imitação que pretendemos fazer a aposta é a imitação que pode levar a individuação. Tratar ou fazer prevenção pode significar intervir no laço professor-classe e entre os alunos.

Spitz (1979) continua em sua observação das relações mãe e filho no desenvolvimento do bebê na tentativa de compreender esses canais de comunicação entre mãe e filho, inspirado por estudos feitos em comunicação animal. Ele distingue a linguagem animal da linguagem humana, chamando a primeira de egocêntrica e a humana de allocêntrica. É provável que já tenha se observado um macaquinho ou cachorro imitar, mas essa imitação dos animais não é significativa, diferente da imitação que podemos supor das crianças. O autor diferencia a comunicação animal com a exemplificação de um cão A que late e a distancia o cão B responde latindo, cita estudos de George H. Mead (1934 apud Spitz, 1979),

"...cão B não sabe que seu latido tem alguma significado para o cão A, não leva em conta qual significado ele possa ter, como observadores sabemos que o latido do cão B é um estímulo para o cão A e que o cão A responderá, expressando seus sentimentos pelo fato de ter sido assim estimulado. Mas isso é exatamente o que o cão B não sabe, pois seu latido é egocêntrico e não allocêntrico, como seria a linguagem humana. (Spitz, O primeiro ano de vida do bebê, ed. Martins Fontes, São Paulo, 1979, pág. 126).

Spitz segue, avaliando que, nos humanos, o enxerto filogenético consistira na comunicação dirigida que opera por vias de sinais e signos semânticos. A mais alta realização é a realização do papel simbólico, que opera não só na comunicação, mas no processo de pensamento.

"Pois, enquanto a mensagem procedente do bebê, pelo menos durante os primeiros meses de vida, compõe-se apenas de sinais, as mensagens que se originam no parceiro adulto da criança são signos dirigidos voliticamente e percebidos como tais por ela" (Spitz, O primeiro ano de vida do bebê, ed. Martins Fontes, São Paulo, 1979, pág. 127).

Guerra (2017), por seu turno, pontua a subjetivação como um processo aberto de tornar-se sujeito, interminável e que é também uma encruzilhada repleta de incerteza, mistérios, um pouco de casualidade, muita paciência e criação, como uma artefania.

Para as crianças ditas de inclusão, com estruturas psíquicas ainda não decididas entre a neurose ou psicose ou na estruturação autística, o uso do APEGI nas escolas pode servir como interlocutor no acompanhamento da travessia em busca de significantes próprios, podendo ainda promover outra escolha estrutural possível para a criança. Apostando no enriquecimento para a vida do sujeito, na abertura social, ligada intrinsecamente ao desejo singular.

Vislumbramos que a sutileza de um movimento de imitação inicial de outra criança possa abrir caminhos para o laço social, articulando o desejo singular à vida coletiva de um sujeito. Imitar o outro para chegar ao conhecimento de si e da dimensão das alteridades.

REFERÊNCIAS:

BASTOS, Angélica; MONTEIRO, Katia Alvares de Carvalho; RIBEIRO, Mariana Mollica da Costa. O manejo clínico com adolescentes autistas e psicóticos em instituição. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 10, n. 19, p. 182-193, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 nov. 2020.

BASTOS, Angélica; MONTEIRO, Katia Alvares de Carvalho; RIBEIRO, Mariana Mollica da Costa. "O manejo clínico com adolescentes autistas e psicóticos em instituição". *Estilos clin.* v.10 n.19 São Paulo dez. 2005.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A intervenção psicanalítica nas psicoses não decididas na infância.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. **Proceeding online.** Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032004000100004&lng=en&nrm=abn>. Access on: 20 Nov. 2020.

DAVINI, Juliana; MOURA, Maurício Walter; CASTRO Maria da Paz; BURSE, Simone. A transformação da instituição escolar na direção do aluno. *Praticas Inclusivas II: Desafios para a aprendizagem do aluno-sujeito.* São Paulo, jan.2020

FERRARESE, Vanessa; FRANCISCO, Vera. Exclusão, inclusive. Publicação interna: Relatos e ensaios sobre a educação no colégio Santa Cruz. Palavra de professores. 1.500 exemplares. Maio de 2013.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GIARETTA, Vanessa; Silva, Milena da Rosa. Os indicadores de intersubjetividade e sua potência na clínica de crianças. UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. 2019. Acessado em 10 de outubro em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43010/29659>

GUERRA, V. (2014a). Indicadores de intersubjetividade 0-12 Meses: Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos (Parte I). *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 16(1), 209-235. Recuperado de <http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Indicadores-de-Intersubjetividade-0-12-Meses-del-encuentro-de-miradas-al.pdf>

GUERRA, V. (2017). O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na arte da subjetivação humana. *Revista de Psicoterapia da Infância e Adolescência (Publicação Ceapia)*. Acessado em 8 de outubro : http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/O_Ritmo_a_musicalidade_comunicativa.pdf

KAZAHAYA, Daniel. O pequeno semelhante em questão: o que bebês e crianças pequenas podem fazer pelos seus pares semelhantes na constituição psíquica e no desenvolvimento. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 22, n. 1, p. 83-99, abr. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p83-99>.

KUPFER, M. Cristina M.. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 11, n. 1, p. 85-105, 2000 . Acesso em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000100006&lng=en&nrm=iso>.access on 20 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100006>.
KUPFER, M. Cristina M.O Sujeito na Psicanálise e na Educação: bases para a educação terapêutica. Educação e realidade. Jan/abrr 2010.

Kupfer, M.C.M. & Pesaro, M.E. Consequências das falhas na instalação da função paterna: uma leitura a partir da Pesquisa Multicêntrica de Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil. In: Kupfer, M.C.M.; Bernardino, L.M.F.; & Mariotto, R.M.M. (Orgs.). Psicanálise e Ações de Prevenção na Primeira Infância. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2012.

KUPFER, Maria Cristina. A presença da psicanálise nos dispositivos institucionais de tratamento da psicose. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 1, n. 1, p. 18-33, 1996 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281996000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 nov. 2020.

MANNONI, Maud. Educação impossível. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
PADILHA, Maria Teresa de Melo. "Vicissitudes do adolecer na psicose:limites e possibilidades". In: Estudos de Psicanálise – Aracaju – n. 34 – p. 97-104 – Dezembro. 2010.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. 6ª.edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.